



Confronto em Alice Springs

*Fiquei indignado ao ver aquele
assaltante demente trazendo tanto medo
e confusão para nossa cidade*

PAUL SANDEMAN

NO DIA 15 de novembro de 1972, quando me preparava para deixar a delegacia e ir almoçar, Alice Springs se torrava solenemente sob o sol forte de verão. Aquela tinha sido a manhã mais monótona desde que eu ingressara na polícia, como investigador civil, adido

ao Serviço de Investigações Criminais. «Tem que acontecer qualquer coisa hoje à tarde», observei para um colega, o investigador Alex Carolan.

Já havia começado a acontecer, quando voltei à delegacia pouco antes das duas da tarde. O sargento-detetive Bob Jackson aproximou-se de mim



num carro da polícia e gritou: «Ande logo. Há um seqüestro no aeroporto!» Saímos em disparada para o campo de pouso, que fica a uns 15 quilômetros da cidade, e, no caminho, Jackson me contou que um homem armado estava mantendo como reféns os passageiros e a tripulação de um Fokker Friendship da Ansett Airlines, que tinha acabado de chegar a Alice, vindo de Adelaide.

No aeroporto, avistamos o Fokker da Ansett parado na pista principal, com um dos motores funcionando. Pouco antes do pouso, um dos passageiros puxara de um revólver e exigira que o levassem sobre o deserto, 1.600 quilômetros para oeste de Alice Springs. Não tinha pedido dinheiro; simplesmente pretendia saltar de pára-quedas. Supunha-se que seria um demente perigoso. A bordo do avião, que tinha recebido permissão de pouso em Alice apenas para apanhar o

pára-quedas, encontravam-se 36 passageiros, entre os quais duas crianças e quatro membros da tripulação. Na realidade, não existia nenhum pára-quedas em Alice Springs; assim, Ossie Watts, instrutor do aeroclube local, ofereceu-se para ir de avião até Bond Springs, a 23 quilômetros, a fim de pegar um.

Na torre de controle, Alan Miers, diretor do aeroporto, e o sargento Andy McNeil, da Polícia Territorial, estavam em contato pelo rádio com o comandante do avião, que tinha explicado a ameaça do assaltante de disparar contra qualquer policial que aparecesse. Eu tinha começado a conduzir para a sala de espera a multidão de curiosos que se juntara, quando chegou a notícia do Capitão Ralph Young e do Primeiro-oficial Walter Gowans, a bordo do Fokker, de que eles tinham convencido o assaltante a deixar sair os passageiros.

Enquanto estes entravam para o terminal, me senti perturbado ao saber que seis deles haviam preferido ficar a bordo, principalmente porque o assaltante se tinha recusado a libertar as duas aeromoças da Ansett. Achei isso uma temeridade despropositada, principalmente porque a presença dos seis a bordo do avião iria complicar perigosamente a tarefa de capturar o assaltante. Agora, pensando no caso, vejo que a decisão deles em permanecerem foi o primeiro sinal do espírito de cooperação de uma cidade ameaçada, e que eu fui inconscientemente influenciado por esse espírito numa decisão que viria a tomar minutos depois.

Quando Ossie Watts voltou com um pára-quedas, o assaltante ordenou pelo rádio que lhe fizessem entrega dele no pequeno avião. Observando a cena, todos nós sabíamos como Ossie estaria se sentindo quando a porta do Fokker se abrisse. Um homem desceu (um passageiro, como soubemos mais tarde); caminhou lentamente até o Cessna de Ossie e voltou para o Fokker com o pára-quedas.

Enquanto Ossie voltava ao hangar, o Fokker começou a deslocar-se lentamente na direção do terminal, tudo indicando que iria se reabastecer, mas, ao chegar perto da entrada para a área asfaltada, virou e continuou em frente pela pista principal. Nisto, soaram três estampidos. O primeiro pensamento foi que o visitante indesejável de Alice Springs tinha perdido a cabeça e começado a matar os reféns. Na realidade, ele apenas havia aberto a porta do outro lado do Fok-

ker e disparado para o chão, a fim de mostrar que falava sério na sua última exigência: colocarem à sua disposição um avião ligeiro com autonomia para 500 quilômetros. Se não arranjássemos o avião e um piloto dentro de dez minutos, ele mataria um passageiro. Ossie resolveu ir com seu Cessna.

Nesse interim, o sargento McNiel desceu da torre de controle e chamou o sargento Jackson e eu. Alan Miers, segundo ele nos contou, havia convencido o assaltante de que o Cessna iria precisar também de navegador. Um policial assim disfarçado talvez tivesse uma chance de convencer o assaltante a se render, ou até mesmo de dominá-lo.

«Eu vou lá», declarei. No instante seguinte, minha mente foi invadida por pensamentos sobre minha mulher e meus quatro filhos. O que me tinha levado a essa decisão temerária? Por estranho que pareça, foi a simples raiva. Havia mais de duas horas que o assaltante estava ditando ordens e condições, e eu fiquei revoltado ao ver um indivíduo trazer tão facilmente o medo e a confusão para uma cidade pacífica como a nossa.

Andy McNiel passou-me o seu Smith & Wesson calibre 38, e pedi outro revólver a John Williams, um dos nossos agentes. Senti vontade de sair correndo para o Cessna que nos aguardava, mas refreei-me. Não podia me permitir ser impulsivo, pois as vidas de pelo menos dez pessoas dependiam de mim.

Enquanto Ossie e eu nos aproximávamos do Fokker, podia sentir a adrenalina correndo pelo meu sangue,

como se uma seringa de dez centímetros a estivesse injetando. «Como se sente, Oz?», perguntei. Olhou em silêncio para mim, mas eu sabia que estava passando tão mal como eu. Entreguei-lhe o segundo revólver que tinha, e ele o aceitou com relutância, só depois de lhe assegurar que deveria usá-lo se fosse necessário proteger sua própria vida ou a minha. Deu-me alguns mapas de navegação e tentou explicar-me o que eu devia dizer para parecer navegador. Quando Ossie colocou o aparelho em posição, a uns 15 metros da porta traseira do Fokker, disse-lhe que iria tentar desarmar o seqüestrador assim que ele estivesse dentro do Cessna.

A porta traseira do Fokker se abriu e, pela primeira vez, pude avistar o assaltante: um jovem bem vestido, de cabelo louro e cavanhaque. Com ele, estava uma garota magra e de aspecto muito perturbado, trajando uniforme de aeromoça; era Kaye Goreham.

Kaye pulou para a pista, com o assaltante logo atrás, este com o pára-quedas pendurado do ombro esquerdo e uma pistola automática calibre 22, de cano cortado, na mão direita. Ficou por trás de Kaye, enquanto caminhavam ao redor da asa direita do Cessna.

Ossie abriu a porta lateral do seu avião. Tentei mostrar-me à vontade, mas o assaltante fez um gesto na minha direção com a pistola, e pude ler nos seus lábios as palavras: «Você aí! Saia do avião!»

Receei que ele me matasse assim que eu estivesse lá fora, e por isso gabei tempo. Deixei-o repetir a frase três vezes, e depois perguntei a Ossie:

«O que é que ele quer?» Ela explicou: «Acho que ele quer que você saia.»

Enquanto empurrava o banco da frente e me dirigia para a porta aberta, empunhava meu revólver com a mão direita, mas no último momento, ao ver que Kaye ainda se encontrava entre nós, enfiei-o de novo no bolso.

Caminhei na direção do assaltante, mas este se afastou, puxando a aeromoça consigo. «Fique aí mesmo», ordenou. «Não se aproxime mais.» Em seguida, dirigiu-se à aeromoça e disse: «Ele é grande de mais; mantenha-o afastado de mim.» O assaltante ordenou em seguida a Kaye para me revistar, e ambos se aproximaram, ele sempre por trás da garota, com a pistola constantemente apontada para suas costas.

Kaye me apalpou. Quando ela tocou nos bolsos de meus *shorts* e sentiu o revólver, mexi ligeiramente meu braço direito para frente, contra o dela, esperando que ela compreendesse que eu não queria que a arma fosse denunciada. Ela compreendeu. Virou a cabeça e disse calmamente. «Ele está desarmado.»

O assaltante lhe ordenou que voltasse, indicando o edifício dos passageiros com o braço esquerdo, mas eu não podia deixar Ossie e Kaye sem auxílio, de modo que comecei a falar: «Olhe, há alguma coisa que possamos fazer para ajudar?»

Ele informou: «Tudo que eu quero é que me deixem pular de pára-quedas.»

«Você já saltou alguma vez?», indaguei, demonstrando curiosidade.

«Não. É por isso que quero tentar», respondeu ele quase ironicamente.

«Tenho certeza de que podemos lhe conseguir isso, sem termos que fazer as coisas deste jeito», disse eu. «Deixe-me perguntar ao piloto se pode levá-lo sem a pistola e a moça.»

«Eu preciso da pistola se as coisas não correrem bem», replicou ele, «e a garota vai comigo.»

Discutimos assim durante alguns minutos, face a face, sob um sol ardente. Minha boca e garganta estavam secas; pareciam forradas de lixa. Notei que o assaltante tinha duas latas de cerveja no bolso do blusão e, embora pareça agora ridículo, imaginei como seria bom fazermos uma pausa para um drinque, pois o calor que irradiava do asfalto era intenso.

Ainda tentando ganhar tempo, fui até o Cessna para conversar com Ossie. Disse a este que iria tentar induzir o rapaz a ficar numa posição em que eu pudesse atacá-lo e desarmá-lo. Voltei ao assaltante, fingindo que não conseguia escutar o que ele dizia por causa do barulho do motor do Cessna, e tentando me aproximar.

Kaye entendeu imediatamente a coisa, e caminhou para mim, repetindo as palavras do assaltante, mas este não deixava de segui-la de perto. Era como um jogo de gato e rato: andávamos para frente e para trás, ora mais próximos, ora mais afastados. A jovem estava desempenhando seu papel magnificamente.

Por fim, o assaltante ordenou: «Muito bem, agora vamos todos entrar no avião.» O tom da sua voz era estridente, e eu compreendi que nosso

tempo tinha se esgotado. Ele se encontrava a dois metros, mas agora sua pistola estava apontada ligeiramente para cima, e para longe de Kaye e de mim.

Pulei sobre ele e senti o metal da arma em minha mão. Ah, se o cano não fosse cortado! Com o polegar tapei a boca do cano e, quando o homem disparou, senti a explosão penetrar em minha mão. Um pequeno jato de sangue espirrou no ar. O assaltante baixou rapidamente a pistola e disparou à queima-roupa contra meu estômago, ao mesmo tempo que me dava um empurrão.

Perdi o equilíbrio, cambaleando desorientado enquanto lutava desesperadamente para tirar meu revólver do bolso. O assaltante continuou a disparar à toa. Caí para o chão rolando sobre mim mesmo, ainda tentando pegar aquele maldito revólver; então, senti-o escorregar da mão e ir parar fora de alcance.

Choviam balas em meu redor, e as dores dos ferimentos na mão e no estômago tornaram-se intensas quando me pus de pé e caminhei com dificuldade na direção do Fokker. De repente, ouvi o estampido de armas automáticas. Sabia que meus colegas tinham aberto fogo. Já não me sentia sozinho.

Na verdade, nunca estivera. Ossie, que se tinha mostrado tão relutante em aceitar a arma, havia começado a disparar logo que eu caíra, afastando de mim a atenção do assaltante e salvando minha vida.

No tiroteio anterior, uma bala havia atravessado meu braço esquerdo

e outra me atingira entre as omoplatas. Fui forçado a me dobrar sobre um joelho, mas consegui pôr-me outra vez de pé, procurando abrigo sob a cauda do Fokker.

O assaltante continuava no meio da pista, trocando tiros com Ossie. Eu estava sentindo dores terríveis. O ombro direito parecia paralisado, e as dores no estômago e nas costas me obrigavam a dobrar o corpo a cada passo. O motor do Fokker ainda estava ligado e receei que o avião se pusesse em movimento. Na situação em que me encontrava, não podia prestar auxílio a Ossie; dirigi-me para os hangares. Após caminhar 30 metros, exausto, virei-me para o Cessna.

Ossie se apressou a vir em meu auxílio, e vários carros da polícia se deslocavam ao longo da pista. Olhei para os hangares e vi pessoas correndo na minha direção, uma delas transportando o que parecia ser um estojo de primeiros socorros. Havia decorrido menos de dois minutos desde que o primeiro tiro havia sido disparado, mas, para mim, tinham parecido metade de uma vida.

Agachei-me, tentando aliviar a dor no estômago. Escorria sangue das feridas no braço e na mão direita. Quando Ossie chegou, perguntei-lhe o que acontecera com a aeromoça. Assegurou-me que ela estava bem. Vieram outras pessoas e enrolaram bandagens ao redor de meus ferimentos.

Segundo me contaram, o assaltante tinha virado a arma contra si mesmo, ao sentir-se encurralado. Morreu mais tarde no hospital, de um tiro que havia sido disparado por ele próprio.

O Dr. John Hawkins veio ao nosso encontro no portão principal do aeroporto. Depois de um rápido exame dos meus ferimentos, deu-me uma injeção e me levou a uma ambulância.

No hospital, enquanto ia perdendo a consciência sob o efeito do anestésico, perguntei a mim mesmo se voltaria a acordar. Nessa noite, recuperei a consciência várias vezes durante pequenos períodos. Sabia que estava lutando por minha vida. Quando despertei, na manhã seguinte, a enfermeira-chefe do pavilhão me informou que o pior já tinha passado.

Mais tarde, o assaltante foi identificado como um jovem tchecoslovaco, de 25 anos de idade, que emigrara para a Austrália. Os motivos de seu ato permanecem confusos; a opinião geral é que ele se encontrava mentalmente perturbado, mas devo confessar que não sinto muita pena dele. Tenho pensado mais nas pessoas que se aliaram para fazer frente ao terror que ele desencadeou; nos passageiros que permaneceram a bordo do avião quando tiveram a chance de abandoná-lo; em Kaye Goreham, a valente e resoluta aeromoça; em Ossie Watts, que não queria levar arma e que acabou por usá-la para evitar que o assaltante me liquidasse; nos meus colegas policiais, que me apoiaram quando eu estava na pista; e no Dr. Hawkins e nas enfermeiras do hospital, cuja amabilidade e competência profissional me trouxeram de volta à vida.

Isso me faz pensar que, quando pessoas de bem se aliam para enfrentar um desafio, elas acabam por se tornar uma força quase invencível. ▲